

Dose elevada de realismo em colisão simulada na freeway



Jornalista Jocimar Farina participou da atividade como um dos acidentados

ANDRÉ MALINOSKI

andre.malinoski@zerohora.com.br

O quilômetro 77 da freeway, no sentido Porto Alegre-Litoral, em Gravataí, na Região Metropolitana, foi palco de uma encenação na tarde de quarta-feira: um acidente rodoviário com feridos. O exercício testou a capacidade de reação e pronto-atendimento de órgãos de saúde, da segurança e ambientais do Estado. A atividade foi promovida pela CCR ViaSul em comemoração ao aniversário de 50 anos da estrada.

– O simulado tem o objetivo de integrar e capacitar as equipes – disse o gerente de Atendimento Pré-Hospitalar (APH) da CCR

Rodovias, Juliano Roque de Souza.

O ensaio envolveu uma suposta colisão entre dois veículos pesados (um caminhão carregado de carga perigosa e um ônibus) e um carro de passeio. Participaram 25 figurantes, que precisaram ser resgatados durante a operação. O jornalista e colunista de GZH Jocimar Farina foi um deles (*leia texto ao lado*). Além disso, ocorreu um suposto vazamento de gasolina para a pista, o que exigiu cuidados especiais das equipes de resgate.

O coordenador de Operações Especiais da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), Leandro Barbosa, explicou a relevância da ação.

– A importância é a integração

entre os órgãos e a comunicação eficiente – declarou Barbosa.

O exercício começou às 14h10min e foi acompanhado por dezenas de pessoas, que tiraram fotos e filmaram as ações. Uma arquibancada chegou a ser instalada na lateral do local, mas a estrutura de metal foi interdita porque a empresa responsável não apresentou o laudo exigido pelos bombeiros. Os espectadores precisaram continuar vendo a movimentação de pé.

A cabeleireira Renata Santana da Silva, 38 anos, veio de Cachoeirinha para ver a simulação.

– É bacana e, ao mesmo tempo, assustador. Mas estou tranquila – disse ela.

O mais próximo possível da realidade

Durante a simulação, as vítimas gritavam e soqueavam as paredes internas do ônibus pedindo ajuda. Enquanto isso, do lado externo, os socorristas chegavam e começavam seu trabalho. Um pó de cor verde foi espalhado para sinalizar o local do acidente.

O vidro da frente do ônibus foi quebrado e a parte do teto foi serrada com auxílio de um equipamento para os agentes terem acesso aos feridos. Desses, 15 simularam terem saído ilesos, cinco com ferimentos moderados, quatro considerados graves e um supostamente morreu.

Pessoas estavam maquiadas como se esti-

vessem ensanguentadas no rosto e em outras partes do corpo. Uma figurante tinha uma fratura exposta, outros precisaram ser imobilizados em macas e houve até caso de entubamento.

– Este simulado tem importância para que nós possamos, junto com todas as equipes que fazem a segurança e o atendimento de emergência, minimizar os erros e dar uma pronta resposta mais célere em caso de atendimento real – detalhou o bombeiro militar e tenente Mauro Lemos.

Participaram 25 instituições de saúde, ambientais, de trânsito e um helicóptero, que condu-

ziu o jornalista Jocimar Farina até o Parque Ramiro Souto, na Redenção, para posterior envio ao Hospital de Pronto Socorro. Às 15h, os resgates estavam concluídos e o que seguia era o transbordo da gasolina do caminhão, e a aspiração da pista.

Um dos 25 figurantes deixou o local visivelmente emocionado, após participar do simulado.

– Foi uma experiência incrível e inesquecível. Com muito orgulho representei Gravataí e toda região – dizia Vitor Monteiro da Silva, 19.

Integrantes das equipes utilizaram materiais e equipamentos de proteção individual (EPIs) da mesma cor em homenagem ao movimento Outubro Rosa.

JOCIMAR FARINA
Colunista de GZH

Experiência como “vítima”

Quando o convite chegou confesso que, no início, titubeei. A CCR ViaSul pretendia fazer um simulado de um acidente grave na freeway e a ideia era que eu participasse do outro lado, como uma suposta vítima.

Após conversas com os colegas de Rádio Gaúcha, GZH, Zero Hora e RBS TV, e aceite de todos, encarei o desafio. Durante aproximadamente uma hora e meia, tive a oportunidade de ver de perto como é um atendimento desse tipo. Após receber as informações das quais necessitava, fui conduzido para a equipe socorrista que maquiava os figurantes – 24 deles do técnico de enfermagem da Escola de Educação Profissional Gravataí (SEG).

No rosto, um corte contundente. No peito, um ferimento com sangramento. Um rasgo na camiseta e a colocação de uma espécie de colete por baixo buscaram dar ainda mais realidade à encenação.

Recebi uma cartela, que deveria usar no peito. Cada um dos figurantes ganhou essa identificação. Ela que indicava se a vítima era grave ou não e ajudava os socorristas a saberem que tipo de procedimento eu precisaria passar.

Já dentro do ônibus tombado, fomos orientados a simular gritos de socorro enquanto o atendimento não chegasse.

Como fui considerado um “caso grave”, precisei de atendimento imediato e resgate de helicóptero. Depois de deixar o ônibus e ser transportado de maca, fui levado até a aeronave da Brigada Militar. Cheguei ao campo Ramiro Souto, da Redenção. De lá, novamente uma mudança de veículos. De ambulância, fui conduzido ao Hospital de Pronto Socorro (HPS).

Infelizmente, os acidentes sempre ocorrerão. Que simulados como os desta quarta-feira possam sempre ser realizados a fim de salvar o máximo de vidas possíveis.

SEMINÁRIO NACIONAL

Desafios da educação antirracista

ISABELLA SANDER

isabella.sander@zerohora.com.br

Vigente há 20 anos, a lei que obriga as escolas a oferecerem educação antirracista ainda sofre resistências e desafios em sua implementação. Ontem, autoridades e nomes de referência no estudo de relações étnico-raciais se reuniram em Porto Alegre para debater entraves e possibilidades de avanço na fiscalização dessa norma.

O seminário nacional “20 anos do Art. 26-A da LDBEN – fiscalização e desafios da educação antirracista” ocorreu na Assembleia Legislativa. O evento foi promovido pela Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), com o apoio do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Universidade Federal do RS (UFRGS) e do Tribunal de Contas do Estado (TCE-RS).

Entre as participações especiais, estava Nilma Lino Gomes, ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil entre 2015 e 2016, professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Educação e doutora em Ciências Sociais e pós-doutora em Sociologia. Ela citou as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar, como ações antirracistas.

– Mas essa política educacional precisa ser realizada integralmente, e é sobre isso que falamos aqui – explicou Nilma.

O Rio Grande do Sul é considerado destaque na atuação do TCE, que fiscaliza o cumprimento das leis de educação antirracista dentro das contas anuais dos municípios.

– Procuramos mobilizar e sensibilizar o acompanhamento dessa política pública – disse o presidente da Atricon, conselheiro Cezar Miola.

Participaram do evento Zaira Figueiredo, que comanda a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão no Ministério da Educação; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, professora emérita da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); e Allan Pevirguladez, professor da rede municipal do Rio de Janeiro.